

All Star #40

Quanto mais se aproxima do vestibular mais me sinto como uma sardinha enlatada, pronto para virar jantar restô d'Ontê numa faculdade cretina formadora de mão de obra, para exploração de quem pagar menos. Não sei muito bem porque, ou sei, mas as vezes sinto que meu futuro é tão incerto e cruel quanto o do Holden Caulfield em O Apanhador no Campo de Centeio. Também gosto de pensar numa coisa tipo Mad Max, onde um sobrevivente niilista tem que suportar a existência no meio do caos que sobrou. Sempre que saio da escola metade de mim fica feliz porque este martírio esta acabando, e a outra metade fica desesperado com o estouro da bolha. Como é sexta-feira, e o Dr. Prozac vai tocar no Tôa Tôa, só vou ser o Neb curtindo a vida adoidado. “Conversei com os caras ontem e eles vão tocar Lounge Act e Lithium do Nevermind,” estava subindo para casa com o Enrolado, que ia ver o show também. “Acho que estou precisando de um rolê assim. Vai rolar os docinhos?” “Vai! Vamos nos encontrar para comprar os ingressos a tarde na loja do Dé e depois resolver isso.” A Alina ia para a festa da Ana Paula e ele tinha sido liberado das obrigações pseudo-conjugais de não poder fazer o que quiser. Nem fui convidado, não queriam drogas lá. Também não queria estar lá, prefiro o lado da cidade onde os pais não querem que os filhos estejam. Estava tudo apontando para um noite histórica. O Dr. Prozac mandando 1979, do Smashing Pumpkins, no Tôa Tôa, ia ser quase igual o Joe Cocker tocando With a Little Help From My Friends, dos Beatles, no Woodstock de 69.

Passei em casa só para almoçar e sai direto para a Curva de Rio Discos para comprar as entradas e encontrar o Enrolado. “O Dr. Prozac esta no estúdio ensaiando para hoje a noite. Eles estão arregaçando no Sex Pistols.” O Dé era casado, tinha filho e tudo mais. Não ia lá. Mas conhecia toda galera e a loja estava patrocinando o show. “Falei com o Jesus e o Mateus ontem e eles disseram que eles vão mandar uns Nirvanas e Ramones também.” “Eles vão fazer umas três horas de som, mais de trinta músicas! Vai ser animal!” Pegamos

os ingressos e fomos em busca da cereja do bolo da noite. O LSD era tipo o tapete da sala do Big Lebowski, complementava o ambiente perfeitamente. Não sei muito bem porque, ou sei, mas as vezes me sinto meio Henry Chinaski, viciado em vícios. Mandeí uma mensagem para o Heraldo e ele disse que ia estar tudo em cima antes das três. Chegamos quinze minutos depois do combinado e ele não estava lá. Não que o doce fosse primordial para a noite, mas é como ter um computador sem internet: você pode se divertir, mas poderia ser muito melhor. Mandeí uma mensagem para ele solicitando uma nova hora e outro ponto de encontro e fomos para casa esperar uma resposta e fumar um baseado. “Posso pegar umas anfetaminas da minha mãe se ele falhar”, para o Enrolado só o álcool e a maconha jamais seriam suficientes. Ele precisava de alguma coisa que elevasse a consciência a décima potência. “Eu tomo, mas só o Dr. Prozac com uns becks já segura a onda. Não precisa ser uma noite à la Feel Good Hit of the Summer”. Entre uma ideia de entorpecimento e outra o Tio do Doce confirmou por mensagem que encontrava a gente no ponto de ônibus para ir direto pro Tôa Tôa.

Tudo funcionou bem. O Heraldo estava no local e hora combinados. Dropamos o doce e fomos em busca do nosso Woodstock. Só tinha uma angustia estranha, que vinha corroendo meu estômago o dia todo, e só fui descobrir o que era quando entrei no rolê. “Eiiiiii!!!” Nem olhei em volta e a Julia veio correndo na minha direção com a animação de quem anunciava promoção de roupa em loja do centro da cidade. Tinha certeza que ela ia na festa da casa da Ana Paula com a Alina. Mas ela e a Paula preferiram a loucura do underground chic a caretice dos fundos de uma casa grande num bairro bem iluminado. “Ei....você aqui? Que legal!” Não consegui disfarçar nem a surpresa nem o desânimo. Tudo que não esperava era ver ela ali. “Nossa! Que animação.” “Tô muito chapado.” Nunca gostei de ir curtir o rolê no mesmo lugar que a Julia. Acabava sempre como filme romântico da sessão da tarde: ela bebendo e curtindo com algum idiota e eu me intoxicando com qualquer coisa que me fizesse parecer menos com Creep do Radiohead. Não sei muito bem porque, ou sei, mas as vezes me sinto como o Hans-Thomaz em O Dia do Curinga, sem entender porque o mundo gira. Me concentrei em esperar o LSD bater do outro lado do salão trocando ideia com uma galera que sei que ela não conhecia e não ia querer chegar perto. “Não existe mais sementes de milho e trigo que não sejam geneticamente modificadas. E não é porque a Monsanto

inundou o mundo com isso, é porque milho e soja não nascem mais. Percebe o que isso significa?” Aparentemente o suco de cevada já falava pelo Abobrinha, e fazia sentido. “Daqui a pouco os professores de ciência da terceira série vão ter que pensar numa experiência diferente de plantar feijão. Pode até ser revolucionário, tipo as crianças aprendendo a montar microchips.....acho que na China deve ser assim”, completei, escutando a risada da Julia cada vez mais perto e alto, e sentindo a agonia crescer no estômago.

A banda subiu no palco, e sai correndo muito louco para o centro do furdunço quando os primeiros acordes de Man in the Box, do Alice in Chains, tocaram o terror no planeta dos elefantes voadores que o LSD tinha transformado o meu cérebro. “I'm the man in the box.....buried in my shit.....won't you come and save me.....save me.....” Eu gritava alto. Queria que a Julia escutasse. Queria que ela me salvasse. Queria que ele me visse como via o cara que ela estava beijando quando o Dr. Prozac mandava Basket Case do Green Day e eu berrava alucinado. “Sometimes I give myself the creeps.....sometimes my mind plays tricks on me.....it all keeps adding up.....I think I'm cracking up.....am I just paranoid?.....or am I just stoned?” Não sei muito bem porque, ou sei, mas sinto que a gente esta conectado de alguma forma, como dois personagens da Clarice Lispector destinados a complicada felicidade. Não é uma energia idiota cósmica qualquer, ou o Modern Love barato do David Bowie. Parecia que era alguma coisa que a gente sentia um com o outro, mas não conseguia fazer nada sobre isso. Era como se fosse o fim para tudo e a resposta para todas as perguntas. Tenho um pouco de medo desta.....sei lá.....coisa. As vezes acho que poderia enfrentar todo este medo. Acho que ela também sabe disso.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/all-star-40>